



➔ Rui Patrício

Pulgas, polarização e liberdade de expressão



CORAÇÃO, CABEÇA E ESTÔMAGO

A liberdade de expressão é de geografia variável, sendo tanto maior quanto 'melhores' são as causas que lhe subjazem, à luz dos critérios de quem ajuíza...

A liberdade de expressão, volta não volta, anda nas bocas do mundo, e é argumento muito esgrimido nos tempos que correm. Mas, amiúde, com um de dois equívocos, e às vezes até os dois. Primeiro equívoco: não tem limites. Mas tem. Tem e tem de ter, sob pena de ser, ao contrário de todos os outros direitos, absoluta e, com isso, esmagar todos os demais que podem entrar com ela em confronto, o que não é suportável numa sociedade que se possa dizer livre, porque constitui pressuposto essencial da liberdade, precisamente, a concordância prática entre direitos conflituantes, não absolutizando nenhum (nem sequer a vida). Tem, por exemplo, limites que decorrem da segurança, da honra, da igualdade, *et cetera*, limites esses que, embora desejavelmente poucos e limitados a um núcleo de proteção essencial (que é o que já resulta da Constituição e da Lei e da sua interpretação maioritária, na qual me revejo), existem e devem ser respeitados, sob pena de em nome da liberdade de expressão valer tudo (uma espécie de *lebensraum*, à conta do qual tudo se pode invadir e espezinhar). Segundo equívoco, que não é menos perigoso do que o primeiro – talvez até seja mais –, e que

resulta da polarização que marca os tempos atuais: a liberdade de expressão é de geografia variável, sendo tanto maior (melhor, absoluta) quanto 'melhores' são as causas que lhe subjazem, à luz dos critérios de quem ajuíza. Ou seja, quem está comigo, com os meus temas, com a minha visão das coisas, pode dizer e escrever tudo, vale tudo, e viva a sacrossanta liberdade de expressão. Mas se quem se expressa está noutra linha, se pensa coisas diferentes das minhas ou da linha *mainstream* do momento ou politicamente de aplaudir, então melhor era estar caladinho, e, além de ser um biltre, nada de invocar a liberdade de expressão, que isso só vale para 'a linha do bem', não para 'a linha do mal'.

E é nisto que andamos. Mas andamos mal, porque as coisas não são nada simples, e seguramente não são simples como os equivocados sobre a ausência de limites e os equivocados sobre 'o bom' e 'o mau' julgam e amiúde querem fazer crer. Isto sem prejuízo de haver uma forma mais simples e mais eficiente de reagir a certos abusos de liberdade de expressão, nomeadamente no seu confronto com a honra, que é adotar e acarinhar o ditado sobre as vozes de burro e o céu. Ou então, de um modo menos coloquial, adotar a máxima de Maria Rosa Nabasco, a personagem central do livro de Agustina Bessa-Luís, *A Ronda da Noite*, significando que certas coisas ou certas coisas vindas de certas pessoas não têm ou não merecem importância: «Não vou zangar-me pela picada duma pulga». ●

Advogado